

ARTIGO DE OPINIÃO: UMA FORMA DE DIALOGICIDADE NA PRODUÇÃO ESCRITA¹

Leonita Maria Peruffo²

Rosana Becker³

“Considero a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino aprendizagem da língua” (João Wanderley Geraldi)

RESUMO: Com este artigo apresentar-se-á uma proposta de trabalho desenvolvida, com alunos do Ensino Médio, a partir de Gêneros Textuais, com o objetivo de efetuar uma ação pedagógica focada na produção escrita com propriedade e argumentatividade. Ancorada na concepção de linguagem de Mikail Bakhtin, parte do pressuposto de que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da língua/linguagem e que, é na interlocução, na interação dialógica que a linguagem se efetiva como prática social. O objeto de trabalho é o Artigo de Opinião. No encaminhamento metodológico prioriza-se a recepção e análise de textos opinativos, o estudo, a compreensão e a escrita do gênero proposto. Os resultados permitem concluir que é importante investir na produção dos alunos e, em especial, em atividades polêmicas, desafiadoras.

Palavras-chave: dialogicidade, prática social, produção escrita, argumentatividade, artigo de opinião.

ABSTRACT: This article will present a proposal for work developed with students in high school, from Textual genres, aiming to make a pedagogical action focused on the production and writing with property arguments. Anchored in the design of language Mikail Bakhtin, based on the assumption that all fields of human activity are linked to the use of language and that it is in dialogue, the dialogic interaction that the language is effective as social practice. The object of study is the writing production of opinion. In routing methodological priority is the receipt and analysis of texts opinionated, the study, comprehension and writing of the proposed gender. The results suggests that it is important to invest in the production of students, and especially in controversial and challenging activities.

Key words: dialogue, social practice, written production, arguments, Art of opinion.

INTRODUÇÃO

Tem sido muito presente a constatação de que, apesar de ser a Língua Portuguesa, a língua materna e, conseqüentemente, de uso diário, de praticamente todos os estudantes brasileiros, muitas são as dificuldades quando se trata da produção de textos escritos.

¹ Artigo apresentado como requisito para conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE da Secretaria do Estado de Educação do Paraná/PR.

² Professora da rede pública, participante do PDE.

³ Professora orientadora - UNIOESTE – Cascavel/PR

Os dados das avaliações como SAEB, ENEM, PISA, são motivos de preocupações para todos os envolvidos com a educação brasileira, porque comprovam um gradativo decréscimo com relação aos resultados de aprendizagem e, principalmente, quanto às avaliações referentes à produção escrita, dos alunos da 8ª série do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio.

Os percentuais registrados, no SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, cuja avaliação é realizada a cada dois anos, demonstram uma queda nos resultados do processo avaliativo quanto à evolução da proficiência média, de Língua Portuguesa, considerando as avaliações no período de 1995 a 2005. (Fonte: www.inep.gov.br)

No ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, os dados registrados, embora nos últimos anos, tenham apontado algumas melhoras quanto às redações, ainda comprovam baixos índices de aprendizagem/proficiência de Língua Portuguesa. (Fonte: www.inep.gov.br)

E quanto à avaliação do PISA - Programa Internacional de Avaliação de Alunos, que ocorre a cada três anos, com provas em Matemática e Leitura, o Brasil, na classificação com relação aos outros países, tem ficado nos últimos lugares. (Fonte: www.inep.gov.br)

Por outro lado, sabe-se que para atingir níveis satisfatórios de aprendizagem é importante considerar, na escola, as muitas dimensões que envolvem o contexto econômico, social, político e cultural; os recursos materiais, humanos e pedagógicos; os processos de ensino-aprendizagem, de relacionamentos interpessoais e gerenciais; e ainda, fatores como desempenho, construção de conhecimento, atitudes e valores.

Professores da área de Língua Portuguesa que, mais especificamente, desenvolvem um trabalho que contempla a oralidade, a leitura e a produção de textos, têm-se questionado e sido questionados quanto a esses resultados. Por que isso acontece? Onde está a falha? Como contribuir para sanar e/ou, pelo menos, resultar na melhoria significativa da produção escrita dos alunos? A responsabilidade é só do professor de Língua Portuguesa?

A partir dessa problemática e, considerando que as Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa, em evidência, estão ancoradas na concepção de língua como discurso que se efetiva nas diferentes práticas sociais, esta proposta teve por objetivo desenvolver, com alunos de uma 1ª série do Ensino Médio, ações

pedagógicas que pudessem encorajá-los a escrever, com propriedade, partindo do pressuposto de que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da língua/linguagem, e que é na interlocução, na interação dialógica que a linguagem se efetiva como prática social.

A concepção norteadora da proposta fundamenta-se em Mikail Bakhtin e teóricos do círculo do mesmo autor. A área de concentração é em Gêneros do Discurso que compreende toda a diversidade de enunciados e as relações que exercem em cada esfera da atividade humana.

Para o desenvolvimento do trabalho, ou seja, a intervenção na escola, o gênero escolhido foi o Artigo de Opinião, tendo em vista sua coerência com o tema proposto, e também que se constitui numa forma de instigar os alunos a ter voz e vez e a interagirem mais com relação aos fatos que permeiam o contexto sócio-histórico em que estão inseridos.

O estudo do Artigo de Opinião tem por objetivo uma melhor compreensão de um gênero que permite a emissão de opiniões, com argumentatividade, de quem o escreve, e a demonstração de seu posicionamento com relação a determinadas temáticas e/ou questões polêmicas, geralmente com a finalidade de convencer/influenciar o interlocutor. Embora, nem sempre mostrado, o dialogismo se faz presente nesse gênero.

Os alunos, além de entrarem em contato com escritores de artigos de opinião, através do corpus (revistas, jornais) tiveram a oportunidade de elaborar/escrever seus próprios textos, no gênero em estudo e proceder à troca com os colegas, visando à interação entre a turma e à possibilidade de ampliarem seus conhecimentos sobre o gênero em questão e, também, a se posicionarem a respeito do que o colega escreveu.

DIÁLOGO COM OS TEÓRICOS

Na história do ensino de Língua Portuguesa, diferentes concepções ou formas de ensinar se efetivaram no “chão” das escolas. Por muito tempo se consolidou um ensino reprodutivista, baseado na pedagogia da transmissão, em que se priorizavam os exercícios estruturais e se desconsideravam as possibilidades de interação no uso da língua.

Quirino (2003) afirma que nessa concepção a escrita não depende daquele que escreve, é entendida como sistema e tem que ser tomada e assimilada (reproduzida) pelo indivíduo no seu conjunto, tal como se apresenta. Para assimilá-la é preciso ter a compreensão a partir do estudo das partes que compõem o sistema lingüístico.

No ensino da escrita, através da reprodução (repetição), o aluno é tido como um ser passivo, apenas receptivo, cujo resultado esperado é a comprovação daquilo que foi trabalhado, ou seja, que repita o que viu sobre determinados conteúdos pré-estabelecidos.

É fácil constatar que, no espaço escolar, se fizeram (ou ainda se fazem) presentes, diversos encaminhamentos para o ensino da escrita, além do reprodutivista. Um encaminhamento freqüente é o que prima pelo desenvolvimento da criatividade, da expressividade, da superação do medo de escrever, fundamentado nas teorias da comunicação. Porém, segundo Geraldí (1984) o que predomina e o que se aprende, nessa visão, são a identificação e a classificação de categorias ou conceitos lingüísticos como emissor, receptor, mensagem, código ou a definição, por exemplo, das funções da linguagem.

Nesse caso, o que prevalece é a concepção de língua e escrita como expressão. Conseqüentemente, nega-se a dimensão social e histórica da linguagem e focaliza-se apenas a atividade do sujeito com a linguagem. Compreende-se a linguagem como ato individual da criação lingüística. A enunciação passa a ser concebida como um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro (interlocutor físico ou representado) nem pelas circunstâncias de situação de produção ao que Quirino (2003) comenta:

Outro aspecto a ser considerado é que quando se entende a escrita como produto da criatividade e da imaginação do aluno, concebe-se a escrita e a linguagem numa perspectiva individualista, aproximando-se do que (BAKHTIN 1999, p.72-76) denominou de “tese do subjetivismo idealista” segundo a qual todo fenômeno lingüístico se reduz a um ato significativo de criação individual.

Por outro lado, paralelamente a estes encaminhamentos de ensino da escrita, estudos lingüísticos apontavam novas concepções sobre a aquisição e usos da linguagem. E é, a partir de 1980, que as contribuições dos teóricos do círculo de Bakhtin chegam ao Brasil. “Deve-se a esses teóricos, e principalmente a Bakhtin, o avanço dos estudos em torno da natureza sociológica da linguagem, ou seja, a

língua configura um espaço de interação entre sujeitos que se constituem por meio dessa interação” (DCEs, 2006 p.17). Também é, nessa época, que lingüistas brasileiros como Wanderlei Geraldi, Carlos Alberto Faraco, Sírio Possenti e Percival de Leme Britto se destacam nas discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa, que ocorrem no Paraná.

No estado do Paraná, na década de 1990, foi elaborado um currículo, cujos pressupostos teóricos eram coerentes com a concepção dialógica e social da linguagem de Bakhtin, e visava a “uma prática pedagógica que enfrentasse o normativismo e o estruturalismo e, na literatura, uma perspectiva de análise mais aprofundada dos textos...” (DCEs, 2006 p.19).

Também, os Parâmetros Curriculares Nacionais, no final da década de 1990, trouxeram, em sua fundamentação, para a proposta de Língua Portuguesa, a concepção interacionista ou discursiva, que prevê a reflexão sobre os usos da linguagem oral e escrita. Todavia, pode-se afirmar que ainda se está no processo de compreensão para uma práxis e, a ação propriamente dita, tem se efetivado parcialmente, ou melhor, na maioria, são práticas isoladas.

A concepção interacionista de linguagem compreende que interagimos socialmente por meio dos gêneros do discurso. Nesse contexto, a proposta de trabalho na área de Gêneros do Discurso, cujo objeto de estudo é o *Artigo de Opinião*, tem como concepção norteadora, a Bakhtiniana que se evidencia, em especial, em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (1999) e em “Estética da Criação Verbal” (2003).

A teoria Bakhtiniana propõe uma concepção enunciativa e dialógica da linguagem. Parte do pressuposto de que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da língua e que, é na interlocução e na interação que ela se efetiva como prática social.

Na realidade, o ato de fala, ou mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode, de forma alguma, ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social.* (Bakhtin)

Para o autor, cada enunciado reflete as condições específicas e finalidades das esferas da atividade humana por seu conteúdo temático, estilo e construção composicional, que se fundem no todo do enunciado e são marcados pela especificidade de cada esfera da comunicação. A variedade da atividade humana

não se esgota e, conseqüentemente, a riqueza e a diversidade de gêneros são infinitas. Gêneros do discurso são, portanto, segundo Bakhtin, tipos relativamente estáveis de enunciados, e, cada um dos gêneros, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que a determina como gênero.

Marcuschi (2005) apresenta os gêneros textuais como fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia e se caracterizam como eventos textuais altamente maleáveis e plásticos.

Com as inúmeras inovações tecnológicas e a denominada cultura eletrônica, presencia-se uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita. Com isso, a linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica assemelhando-se a uma coreografia.

Os gêneros textuais se definem, não apenas por seus aspectos formais, mas por seus aspectos sócio-comunicativos e funcionais.

Antes de realizar qualquer trabalho em que se priorize a produção de textos, é relevante que se tenha clara a distinção entre tipo textual e gênero textual. Para estabelecer a distinção entre ambos, Marcuschi apresenta uma breve definição para as duas categorias:

“Tipos textuais: são construtos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas; abrangem um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais sintáticos, relações lógicas, tempo verbais em que se evidenciam a narração, argumentação, descrição, injunção e a exposição”.

“Gêneros textuais: são realizações lingüísticas concretas, definidas por propriedades sócio-comunicativas; abrangem um conjunto praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função; são muitos os exemplos de gêneros dentre eles telefonema, sermão, romance, bilhete, horóscopo, bula de remédio, edital de concurso, carta eletrônica, artigo de opinião”.

Em cada gênero textual pode ocorrer dois ou mais tipos textuais, ou seja, um mesmo gênero pode conter uma seqüência narrativa, uma argumentação, uma descrição e uma exposição.

Os tipos textuais são definidos pelos traços lingüísticos que neles predominam. Quando se denomina um texto como narrativo, descritivo ou argumentativo, é em função do predomínio do tipo de seqüência de base.

É, também, importante a compreensão da relação existente entre oralidade e escrita no contexto dos gêneros textuais, pois eles estão presentes nas duas modalidades, em todos os contextos e situações do cotidiano. Cabe, porém, observar que alguns gêneros só são recebidos na forma oral, embora originalmente tenham sido produzidos na forma escrita, a exemplo das notícias de televisão e rádio que assistimos/ouvimos, mas que foram escritas e são lidas (oralizadas) pelo apresentador ou locutor. O mesmo se verifica com as orações, novenas, ladainhas (religiosidade). Todas foram escritas, entretanto, seu uso, nos rituais/atividades religiosas é sempre na modalidade oral.

Ainda sobre gêneros e tipos textuais, Machuschi (2005) expressa:

“Em suma, pode-se dizer que os gêneros textuais fundam-se em critérios externos (sócio-comunicativos e discursivos), enquanto os tipos textuais fundam-se em critérios internos (lingüísticos e formais)”.

Trabalhar com gêneros textuais é, na verdade, uma excelente oportunidade de se lidar com a língua em seus diferentes usos no cotidiano, uma vez que tudo o que se fizer lingüisticamente pode ser tratado num ou noutro gênero. E são muitos os gêneros produzidos sistematicamente, que incidem na vida diária, merecedores de toda atenção. Incluem-se aqui os que se evidenciam nas diversas mídias existentes, a exemplo, a mídia virtual.

Considerando os pressupostos teóricos apresentados, pode-se constatar que é possível desenvolver, em sala de aula, um trabalho com gêneros textuais, que oportunize aos alunos analisarem e produzirem eventos lingüísticos dos mais diversos, tanto orais como escritos, e também a identificarem as características em cada um. É evidente que trabalhar com gêneros demanda um envolvimento com as diferentes formas de comunicação. Na produção de textos orais ou escritos, eles diferenciam-se uns dos outros considerando as condições, situações e finalidades por que são produzidos. Entretanto é possível constatar regularidades ou, melhor esclarecendo, em situações semelhantes podem-se obter textos com características, semelhantes, a exemplo dos discursos políticos, conversas em família, negociações no mercado.

Há gêneros que interessam mais ao trabalho na escola, como notícias, seminários, reportagens esportivas, narrativas de aventuras, entre outras. Pode-se dizer que ainda pairam muitas preocupações nas discussões referentes ao desenvolvimento de ações pedagógicas, com relação a gêneros textuais nas escolas de ensino fundamental e médio

Conforme já mencionado, a proposta de trabalho pretendida em gêneros textuais é um dos gêneros da mídia, o Artigo de Opinião, com enfoque na dialogicidade, como prescreve o título. A proposta na perspectiva enunciativa, ancorada na concepção Bakhtiniana de linguagem como interação, introduz um aspecto novo, fundamental para a compreensão do uso da linguagem: o dialogismo, cujo enfoque principal não é o diálogo entre falantes em situações de conversação, mas a relação do enunciado com o já-dito sobre o mesmo assunto e com o que lhe suceder na “corrente ininterrupta” (BAKHTIN, 1997), podendo-se acrescentar que:

“Vemos que a dimensão dialógica, responsável pela heterogeneidade discursiva, é onipresente, o que mostra que ela deve ser um dos focos principais na interpretação de texto” (CUNHA, 2005).

Para Bakhtin, a interação verbal se caracteriza tanto nas relações entre o sujeito com o outro (interlocutor) quanto com outro discurso. Compreender o trabalho com a linguagem na dimensão dialógica implica em criar situações pedagógicas em que se propicie ao aluno um espaço, através dos textos, para que ele se represente “a partir de diferentes lugares sociais, assumindo diferentes perspectivas, colocando-se como sujeito-autor” (QUIRINO, 2003).

Nessa perspectiva dialógica, o trabalho com o Artigo de Opinião torna-se viável, coerente e oportuniza, aos alunos, compreenderem melhor o processo de interação verbal, de dialogicidade e do uso da linguagem como prática social.

SOBRE O OBJETO DE ESTUDO

O Artigo de Opinião é um gênero do discurso em que predomina o interesse em convencer o outro sobre determinada idéia, influenciá-lo, modificar seus valores, através de um processo argumentativo, em favor de uma postura assumida por quem escreve e de refutação de possíveis opiniões divergentes. Prevê a constante sustentação de afirmações efetuadas, através da apresentação de dados consistentes que possam convencer o interlocutor. Para a produção de um Artigo de

Opinião é indispensável que se tenha uma questão controversa a ser debatida, ou seja, um tema específico que suscite polêmica em determinados círculos sociais.

O Artigo de Opinião expõe o ponto de vista de um jornalista ou de um colaborador de jornal ou revista. Faz uso de dêiticos e do presente do indicativo como tempo base, num texto claramente argumentativo. Comenta sobre algo já dito. Para os artigos de opinião podem ser usadas narrativas como estratégia argumentativa, escritas em terceira pessoa e, ainda, inserir citações a fim de dar objetividade aos argumentos. Esse gênero constitui-se de outros discursos sobre fatos comentados, de antecipações das objeções do leitor a fim de fazê-lo aderir ao ponto de vista de quem o escreve, e predomina a crítica aos outros com os quais mantém uma relação de conflito.

Na escrita do artigo de opinião predomina a argumentatividade vinculada às relações intertextuais e interdiscursivas. Trata-se de um trabalho com uma modalidade textual em que a discussão do conceito, a exposição das idéias, a defesa de um ponto de vista, passam pelo conhecimento das provas, pelo domínio do argumento como continuação para conquistar o leitor.

Ao definir o objeto de trabalho, surgiram dificuldades quanto à seleção do corpus, tendo em vista que em muitos portadores (jornais e revistas) em que constam textos de opinião, muitas vezes, são como notícias que expressam, de alguma forma, a opinião do autor, porém sem as principais bases argumentativas que caracterizam um artigo de opinião e sem a pretensão de instigar e convencer o leitor de seus posicionamentos com relação à temática apresentada. Isso, também, foi pauta para alguns questionamentos quanto à adequação dessa proposta aos alunos do 1º ano do Ensino Médio. Em contrapartida, a complexidade tornou maior o desafio e proposição. A busca do “como” realizar, dos encaminhamentos/procedimentos a serem adotados resultou em pesquisas por teóricos e por trabalhos desenvolvidos na área de gêneros textuais, especialmente, sobre gêneros do “agrupamento argumentar” (DOLZ, 2004) ao qual pertence o artigo de opinião.

RELATO REFLEXIVO SOBRE A PRÁTICA

Dos estudos feitos sobre os possíveis procedimentos para o ensino de gêneros textuais, e mais especificamente, o artigo de opinião, a contribuição de

grande valia veio de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz e colaboradores (2004), que propõem planejar o ensino de um gênero a partir de Seqüências Didáticas que são, conforme Kátia Lomba Brückling (2001)

“... atividades planejadas para serem desenvolvidas de maneira seqüenciada, com a finalidade de tematizar aspectos envolvidos na produção de textos, organizados em um determinado gênero, de maneira a possibilitar aos alunos mestria na sua escrita”.

Para a organização das atividades, tornou-se importante prever uma progressão organizada, a partir de levantamento dos conhecimentos dos alunos e de um mapeamento das necessidades de aprendizagem, com o objetivo de priorizar aspectos a serem abordados e de adequar o grau de complexidade às possibilidades de aprendizagem dos alunos.

Ficou evidente que, mesmo as seqüências apresentando um grande número e grande variedade de exercícios, podem aparecer problemas que não estavam previstos. Daí a necessidade de adaptar o trabalho à realidade da turma, e por vezes, criar novas atividades ou mudar os textos de referência utilizados.

“As seqüências devem funcionar como exemplos à disposição dos professores. Elas assumirão seu papel pleno se os conduzirem, através da formação inicial ou contínua, a elaborar, por conta própria, outras seqüências” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004).

Tendo em vista que as DCE's de Língua Portuguesa, trazem, em sua concepção, a Língua como discurso que se efetiva nas diferentes práticas sociais, e que o trabalho de intervenção, na escola, teve como objetivo desenvolver ações pedagógicas, que pudessem encorajar alunos de 1ª série do Ensino Médio, a escrever, com propriedade, a fim de melhorar significativamente suas produções escritas, vale considerar que, para que a proposta se desenvolvesse a contento, fez-se necessário priorizar um encaminhamento metodológico adequado.

Para tanto, evidenciou-se aos alunos, o pressuposto de que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da língua – linguagem e que é na interlocução, na interação dialógica que a linguagem se efetiva como prática social. E, a partir daí, as ações para o trabalho com produções escritas, cujo enfoque foi a argumentatividade, foram desenvolvidas tendo como referência o Artigo de Opinião, que permite o trânsito em questões polêmicas e que, por sua vez, provoca discussões e permite a presença tanto da leitura quanto da oralidade, envolvendo,

assim, o trânsito entre as três práticas: leitura, oralidade e escrita, já que estão intrinsicamente relacionadas.

Para o corpus do trabalho, foram utilizados jornais e revistas que apresentassem artigos de opinião. Como suporte para as produções dos alunos foram utilizados, após acordado com os mesmos, a organização de coletânea de artigos de opinião com apresentação aos colegas, através de varal na sala de aula, propiciando a interação entre os alunos da turma.

Todas as atividades desenvolvidas foram acordadas com a professora orientadora e, em especial, com a professora da turma, além de apresentarem coerência com as Diretrizes Curriculares Estaduais e conseqüentemente com a Proposta Curricular do Estabelecimento de Ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do trabalho de intervenção, na escola, permite considerar que muitas são as possibilidades para ações pedagógicas focadas na produção escrita. E que, vale investir em atividades desafiadoras, que gerem polêmica, inquietação e instiguem os alunos a participar mais, envolver-se mais com as situações de seu entorno, do contexto sócio-econômico, político e cultural.

É importante destacar que a turma de alunos em que se desenvolveu este trabalho, demonstrou, através de seus depoimentos e de suas produções escritas, de que realmente é importante instigar a que se pronunciem e registrem suas opiniões.

Salienta-se, também, que para qualquer trabalho que se queira desenvolver, é preciso ter clara a concepção que o fundamenta, e assim, se dê suporte a procedimentos metodológicos que assegurem uma boa aprendizagem.

E, por fim, convém ressaltar que a escola é um dos locais mais propícios para que o aluno possa identificar-se como sujeito de sua história e, além da aquisição dos conhecimentos universais, tenha a oportunidade de exercitar-se no diálogo, nos questionamentos, na exposição de suas idéias, na análise das idéias dos colegas e de autores sobre diferentes temas em discussão. É o local em que pode, através da interação, desenvolver-se como ser social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, (2003. p.280-326).

CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental**. São Paulo: Editora Cortez, 2001; Coleção Aprender e Ensinar Textos (V.7, p.153-172).

CUNHA, Doris de Arruda Carneiro. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: **Gêneros Textuais e Ensino**. Organizador: Ângela Paiva Dionísio, Anna Raquel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna (2005, p.166-179).

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWL, Bernard. Tradução e Organização de Roxane Rojo e Gracis Sales Cordeiro: Mercado das Letras (São Paulo, 2004).

GERALDI, J. Wanderley. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In: **O texto na sala de aula**. Assoeste (Cascavel, 1994, p.19-36).

_____. **Portos de passagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 (p.115-217).

LAHUD, Michel; VIEIRA, Yara Frateschi. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hacitec, 9.ed. (1999.p.32-127) (original de 1929).

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros Textuais, Definição e Funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino organizador**: Ângela Paiva Dionísio, Anna Raquel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra – 4.ed. Editora: Lucerna (Rio de Janeiro, 2005, p.19-35).

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura e produção de textos e a escola**: Reflexões sobre o Processo de Letramento. Campinas. Mercado das Letras (São Paulo: 1994).

QUIRINO, Rosana Becker. A Escrita na Escola e a Constituição da Subjetividade. In: **Línguas & Letras? Universidade Estadual do Oeste do Paraná**. Campus de Cascavel. Centro de Educação e Artes. Edunioeste (Cascavel, 2002/2003, p.277-295).

ROJO, Roxane (org.). **A prática de linguagem em sala de aula**: Praticando os PCNs: Coleção As Faces da Lingüística Aplicada; Educ; Campinas: Mercado das Letras (São Paulo, 2000, p.207-241).

SOUZA, Lusinete Vasconcelos de. Gêneros Jornalísticos no Letramento Escolar Inicial. In: **Gêneros textuais e ensino**. Organizadoras: Ângela Paiva Dionísio, Anna Raquel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra. 4.ed. Lucerna (Rio de Janeiro, 2005, p.19-36).

AGRADECIMENTOS

A meus filhos, Marcos Aloisius e Jean Caetano, pelo carinho, dedicação e compreensão nas minhas ausências.

À Professora Doutora Rosana Becker, pela credibilidade, incentivo e sólida orientação.

À Direção e Equipe Pedagógica do Colégio Estadual Reinaldo Sass, pelo apoio à implementação da proposta.

À Professora Delci, pela colaboração especial para a efetivação da proposta.

Aos alunos da 1ª série D, pelo envolvimento e participação durante o desenvolvimento do trabalho de implementação.

À Secretaria de Estado da Educação, pela oportunidade em participar desta formação continuada.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que esta proposta se efetivasse.